

A viagem de Thomas Russel Ybarra (1938-1939): *New York Times* e a política da boa-vizinhança¹

Edson Bossonaro Júnior*

Resumo: O presente trabalho analisa as imagens produzidas pelo articulista e viajante do *The New York Times* (NYT), Thomas Russell Ybarra, enviado para a América Latina em 1938-1939, no contexto da Política da Boa-Vizinhança, com o objetivo de averiguar a ameaça do nazi-fascismo para os interesses norte-americanos na América Latina e o grau de influência de seu país na região. Defendo que apesar da imparcialidade proclamada pelo jornal e por seu viajante, as imagens produzidas por Ybarra sobre os latino-americanos e a argumentação sobre as diferenças entre os EUA e os imperialismos europeus contribuíram para a concepção de um lugar imperial distinto para o país no novo cenário mundial.

Palavras-Chave: Estados Unidos. América Latina. Boa-Vizinhança. Imprensa norte-americana. Segunda Guerra Mundial. Relatos de viagem

1. Introdução

O presente trabalho discute as visões sobre a América Latina produzidas por Thomas Russell Ybarra e veiculadas pelo jornal *The New York Times* (NYT). O viajante percorreu diversos países das Américas do Sul e Central no final de 1938 e início de 1939, no contexto da Política da Boa Vizinhança.²

1O presente trabalho, realizado para conclusão da disciplina “História da Cultura II”, ministrada pela Prof^a Dr^a Stella Maris, é também parte da pesquisa de Iniciação Científica de título “O Brasil do *New York Times*: Segunda Guerra Mundial e Política da Boa-Vizinhança (1938-1942)” realizada sob orientação da Prof^a Dr^a Mary Anne Junqueira. Agradeço ambas pelas conversas e discussões que mantivemos nos últimos três anos e pelas aprendizagens que me proporcionaram em todas as oportunidades.

*Graduando em História pela Universidade de São Paulo. Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Brasil e o Sistema Mundial (LabMundi-USP). Contato: thomaz.fortunato@usp.br

2A Política da Boa-Vizinhança (*Good Neighbor Policy*) foi a política externa adotada pelo governo F.D. Roosevelt entre 1933 e 1945. A nova orientação afirmava que o passado de intervenções e conflitos com a América Latina havia sido superado, e que se abria uma nova era de respeito e amizade entre as nações do Hemisfério. C.f: Gerson Moura (1985), Antônio Pedro Tota (1990), Tânia C. Garcia (2005) e Mary Anne Junqueira (2000).

A citada orientação internacionalista, adotada pela Administração Franklin Delano Roosevelt e defendida pela primeira vez na Conferência de Montevideu, proclamava o abandono da política do *Big Stick* em prol de nova era de igualdade jurídica entre as nações do Hemisfério Ocidental.³ Frente ao avanço da influência mundial do nazi-fascismo, entretanto, e à medida que os eventos europeus assinalavam a probabilidade de um conflito de grandes proporções, a Boa-Vizinhança reorientou-se para a tentativa multifacetada, nos campos cultural, político e econômico, de aproximar os latino-americanos dos EUA e afastá-los da Europa.

Assim, ao longo da década de 1930, enquanto os Estados Unidos mantiveram posição não-intervencionista em relação aos confrontos europeus, buscaram ampliar sua influência político-cultural sobre a América Latina e garantir o apoio desses países às políticas de defesa hemisférica debatidas nas Conferências Pan-Americanas. Em contexto de agravamento das tensões internacionais, e intensificando-se os esforços em prol da “solidariedade hemisférica”, em dezembro de 1938, Lima sediou a VIII Conferência Pan-Americana, na qual os EUA atuaram pela ratificação de uma declaração de princípios que condenasse conjuntamente as intervenções feitas pelos países do Eixo – Alemanha, Japão e, desde 1937, a Itália. Também propuseram a ampliação do sistema de consulta automático entre as nações americanas em casos de agressão “estrangeira”, instituto que já havia sido esboçado na Conferência de Buenos Aires (1936). Tratava-se, para o Departamento de Estado, da – agora necessária – consubstanciação da cordialidade da Boa-Vizinhança num alinhamento prático e, se possível, formal de todo o Hemisfério.

Em consonância com essas preocupações, o *NYT* acompanhou assiduamente, ao longo de 1938, a situação latino-americana, vista como fonte de insegurança crescente à medida que os conflitos recrudesciam. Em abril, o plebiscito do Anschluss, realizado na Áustria, – no

³Trata-se da *Big Stick Policy*, orientação de política externa adotada por Theodore Roosevelt que forneceu subsídios para intervenções militares na América Latina. A respeito do escopo da Política da Boa-Vizinhança, note-se que, para Alexandre Guilherme (2014), a correspondência de periodização, adotada pela maioria dos autores, entre a Boa Vizinhança e os mandatos de Roosevelt não deve obscurecer o fato de que a citada orientação remete a tradições pan-americanistas anteriores à década de 1930.

A viagem de Thomas Russel Ybarra (1938-1939): New York Times e a política da boa-vizinhança

qual muitos imigrantes vivendo nas Américas votaram a bordo de navios nazistas – resultou na anexação da Áustria pela Alemanha sem contraposição efetiva da Liga das Nações e, em setembro, os Acordos de Munique legitimaram a ocupação da Tchecoslováquia. Os acontecimentos impactaram as produções do jornal, que os descreveu com as sombrias cores de uma capitulação, a uma só vez, de todas as antigas potências democráticas europeias perante os nazistas. Em suma, para o jornal, as anexações demonstravam que a Liga das Nações era incapaz de proteger o mundo Ocidental, o que deixava “vago” – ou à disposição dos EUA – o posto de protetor das “nações fracas” do globo, algo que incluía, em sua perspectiva, a totalidade das repúblicas vizinhas ao sul do Rio Grande.

As produções do jornal ao longo do ano, assim, demonstraram preocupação em relação à crescente propaganda nazi-fascista na América Latina, tida por amplamente organizada e eficiente, bem como à agressividade das estratégias do mercado de compensação (*barter trade*), mediante o qual a Alemanha comprava grandes volumes de matérias primas latino-americanas em troca de produtos germânicos – atrelando-os a seu mercado e reduzindo, assim, as exportações dos EUA pela generalização da escassez de reservas em dólares.

Somada a isso, a própria situação da América Latina introduzia elementos que causavam insegurança. Em novembro de 1937, o governo Vargas estabeleceu o Estado Novo e uma nova Constituição, recebidos pelos primeiros articulistas do *NYT* como o possível nascimento de um Estado *fascista* em pleno “Hemisfério Americano”. Os temores atenuaram-se ao longo de 1938, o que é notável pela supressão, nos textos do jornal, do termo “fascismo”, e também pelo acompanhamento assíduo às medidas tomadas por Vargas contra militantes integralistas e imigrantes europeus ao sul do país. Ademais, a novidade brasileira, somada à expropriação das companhias petrolíferas norte-americanas por Lázaro Cárdenas no México e à vitória eleitoral da Frente Popular chilena, produziam uma conjuntura repleta de elementos, cujo desenvolvimento, para o *NYT*, parecia incerto, ao mesmo tempo em que a

crescente propaganda e o *barter trade* assediavam uma América que era imaginada como atavicamente suscetível a se mover por princípios abstratos (como o nazismo) e historicamente vacilante em sua relação com os Estados Unidos.⁴

Nessa perspectiva, é notável a ansiedade expressa nos artigos do jornal – o que provavelmente informou a viagem de Thomas Russell Ybarra, importante articulista do *NYT* enviado para a América Latina a fins de 1938, às vésperas da VIII Conferência Pan-Americana, em jornada cujo objetivo vinha redigido no rodapé de seus artigos: analisar a situação política latino-americana, conturbada pelos eventos perturbadores de 1938.

2. Thomas Russell Ybarra (1880-1971): um viajante da Boa Vizinhança⁵

Thomas Russell Ybarra nasceu em Boston em 1880. Foi poeta, escritor, jornalista e editor de revistas, tendo se tornado parte do corpo de funcionários do *NYT* em 1905, empresa na qual assumiu diversos e importantes cargos. Sua proficiência em muitas línguas, resultado de uma juventude em constante deslocamento, capacitou-o a se tornar correspondente em países centrais da Europa no pós-guerra: de 1924 a 1925, em Berlim; entre 1925 e 1926, em

⁴Ressalte-se que a *fragilidade* do continente – que pressupunha, agora, a necessidade de proteção por parte dos Estados Unidos, em substituição à “obsoleta” Inglaterra – não era pensada exclusivamente em termos econômicos, militares ou geoestratégicos, e tampouco de instabilidade político-institucional ou política exterior. Evoca-se como elemento explicativo uma suposta *fragilidade* de origem cultural ou racial que os levaria, tendencialmente, a se mover “apaixonadamente” (de maneira irrefletida) por ideias e ideologias, o que seria potencialmente perigoso. Assim sintetiza John White, importante articulista e correspondente do jornal em Buenos Aires, em edição dominical de 1939: “Os latinos ficam selvagememente excitados com ideias abstratas de uma maneira incompreensível para os anglo-saxões. Enquanto os anglo-saxões geralmente formam suas ideias racionalizando depois que os eventos ocorreram, os latinos estão prontos *a priori* para lutar por ideias abstratas em si mesmas. Isso explica a constante ocorrência de insurreições estudantis por toda a América Latina, em que jovens começam revoltas ou mesmo revoluções em defesa de alguma ideia que eles conhecem apenas por terem lido a respeito. Consequentemente, os governos sul-americanos estão determinados a fazer de tudo para postergar ao máximo possível qualquer conflito local a respeito de ideologias europeias” (WHITE, J. “South America is doubtful of staying neutral in war”. In: *NYT*, Nova York, 16/04/1939, p.90, tradução nossa).

⁵O texto biográfico a seguir foi elaborado a partir de fragmentárias informações coletadas em resenhas e comentários emitidos pelo próprio *NYT* a respeito de seu viajante-articulista em momentos diversos. Tomadas como um todo, forneceram indícios importantes para compreender o lugar proeminente, no jornal, conferido a Ybarra no contexto da Boa-Vizinhança. Sabe-se ainda que o autor produziu duas autobiografias, “Young Man of Caracas”, de 1941, e “Young Man of the World”, de 1942. Os documentos não se encontram digitalizados, o que impossibilitou seu acesso para o presente trabalho. O prefácio de seu primeiro livro, contudo, foi identificado, e será discutido brevemente.

A viagem de Thomas Russel Ybarra (1938-1939): New York Times e a política da boa-vizinhança

Londres e, em 1926-1927, período em que também foi o editor europeu da Collier's Magazine, assumiu o cargo de correspondente-viajante (*traveling correspondent*) do *NYT*.⁶ Sabe-se ainda que, Ybarra seguiu empreendendo viagens como correspondente por longo tempo após isso.⁷

O viajante era descendente de duas famílias proeminentes em seus contextos de origem. Sua mãe, Ellen Taylor Russell Ybarra, norte-americana nascida em Boston, era filha de Judge Thomas Russell, Embaixador dos EUA para a Venezuela durante a Administração Ulysses Grant (1869-1877). Seu pai, por sua vez, era o Gal. Alejandro Ybarra, personagem de grande destaque na política venezuelana, pelo que se nota nos irônicos comentários do jornal – que o retratavam como o *caudilho típico* que ganhava postos elevados nas “irremissíveis” ditaduras latino-americanas. Assim, articulistas do *NYT* afirmavam que, além de comandante de artilharia da Venezuela, ele era “o favorito” do “Presidente-Ditador” Guzmán Blanco e “herdeiro presumível ao trabalho de ditador daquele país”.⁸ Além disso, conta-se que, já após o nascimento de Thomas Ybarra, o general tornou-se governador de diversas províncias venezuelanas, além de Ministro da Guerra e Ministro das Relações Exteriores. Por ocasião de um conflito – não precisado pela bibliografia ou pelos documentos – com o governo da Venezuela, seu sogro Judge Thomas foi declarado *persona non grata*, e os pais de Ybarra partiram para o exílio.⁹

Tendo nascido em Boston, Thomas Ybarra viveu longos anos entre a Europa, os Estados Unidos e a Venezuela, país ao qual retornou com seu pai após algum tempo no estrangeiro. Note-se que a experiência do degredo marcou a juventude do viajante, que

6THOMPSON,R.“Books of the Times”.*NYT*, NY. 30/10/1941. e “T.R:Ybarra, writer, is married here”,*NYT*,NY. 08/01/1930.

7GELDER,R.“An interview with Thomas Russell Ybarra”. *NYT*, NY. 04/01/1942.

8GELDER,R.“An interview with Thomas Russell Ybarra”. *NYT*, NY. 04/01/1942.

9DANGERFIELD,G.“When Bostons Back Bay joined hands with Venezuela”.*NYT*,NY. 09/11/1941.

estudou em diversas escolas pelo mundo: em Caracas, Munich, Massachussets e Cambridge.¹⁰ Por ocasião da decisão a respeito da universidade que frequentaria – o próprio viajante analisa em entrevista concedida ao *NYT* –, viu-se em conflito a respeito de sua nacionalidade: seu pai quis que o filho permanecesse na Venezuela, mas Ybarra optou por Havard. O viajante destaca esse momento como decisivo para os rumos de sua vida e identidade: “Ele me deu sua permissão [para ir a Havard], mas soube naquele momento que eu seria um norte-americano, e que, de alguma forma, eu estava perdido para ele”.¹¹

Registra-se, portanto, que sua auto-identificação como norte-americano predominava, e era reafirmada insistentemente em suas produções – em geral, através da tomada de posição em prol dos EUA, e também pelo desdém claramente cultivado em relação à América Latina. Entretanto, ainda que também fosse reconhecido como tal por seus comentadores, sua origem venezuelana era recorrentemente apontada como um outro componente de sua identidade. Emblemático é o caloroso prefácio de sua autobiografia “Young Man Of Caracas”, escrito pela proeminente figura da Boa-Vizinhança Elmer Davis.¹² O jornalista, afirmando conhecer Ybarra há décadas e tratando-o por “Tom”, descreve-o como “metade *Caraqueño* e metade *Plymouthroqueño*”, asseverando que Venezuela e Plymouth constituíam verdadeiras *duas naturezas* em permanente conflito no viajante.¹³ Afinal, Davis assevera, ainda que Caracas tivesse perdido a disputa para Manhattan, sua obra, publicada em 1941 – logo após sua viagem, portanto – indicava que seus pensamentos estavam se voltando mais para América do Sul e para a Venezuela.

10WILLIAMSON,S.“Ebulient Thomas Russell Ybarra continues writing his autobiography”. *NYT*. NY. 22/11/1942.

11GELDER,R.“An interview with Thomas Russell Ybarra”. *NYT*, NY. 04/01/1942.

12Elmer Davis escrevia editoriais para o *NYT* e se tornaria, durante a Segunda Guerra, o diretor do *Office of War Information (OWI)*, órgão de propaganda do Departamento de Estado. Também foi premiado em tempos de guerra pela Peabody Award por seu mérito em “serviço público” no campo da informação. Ou seja, Davis foi homem de grande importância para o Departamento de Estado, além de figura de destaque no *NYT*.

13“Foreword By Elmer Davis”. In:YBARRA,T.*Young Man of Caracas*. NY: Ives Washburn, 1941. Trata-se da colônia de Plymouth, fundada em 1620 pela seita protestante inglesa *The Separatists*. A referência aqui é a uma origem e genealogia mitificadas do povo norte-americano, que seria remissível aos Pilgrim Fathers. A esse respeito, ver a obra de Mary Anne Junqueira (2000, pp.74-93).

A viagem de Thomas Russel Ybarra (1938-1939): New York Times e a política da boavizinhança

Diante disso, o mais significativo é notar como a presença desses “dois componentes” na identidade de Ybarra – principalmente da maneira como era apontada por terceiros, comentadores, jornalistas e outras figuras de relevo no cenário político da Boa-Vizinhança – o colocava em posição privilegiada entre seus leitores e pares norte-americanos para produzir textos e imagens sobre a América Latina, o que provavelmente lhe conferiu até mesmo vantagens profissionais no contexto. Ilustrativa da autoridade que adquirira para descrever e traduzir as Américas é a resenha de sua obra “America Faces South”, publicada no jornal no ano de retorno de sua viagem:

Um **capaz e experienciado correspondente estrangeiro**, Mr. Ybarra abre caminho através das cortinas de ininteligíveis revoluções, propaganda e contra-propaganda, que levou muitos cidadãos desse país ao desespero ao tentar entender a América Latina. Ele **escreve de um balanceado e imparcial ponto de vista**, frequentemente empregando um humor delicioso para **ilustrar o caráter dos povos que ele descreve**, ou para tornar compreensível um ponto.¹⁴ (grifo meu)

E afirma que, dessa forma:

[...] o autor **traz as vinte ‘repúblicas’ sulistas – e a América Latina como um todo – à vida perante nós.** / Muito foi escrito sobre esse território por pessoas com noções preconcebidas ou à ferro e fogo que é alivante encontrar um escritor que maneja sua caneta calorosamente em relação a seu assunto, mas **sem preconceito**. Mr. Ybarra **realmente conhece a América do Sul**, por onde ele recentemente viajou novamente, **e ele deve, porque seu pai era venezuelano, mesmo que sua mãe fosse bostoniana.**¹⁵ (grifo meu)

14C.f: *A capable and experienced foreign correspondent, Mr. Ybarra cuts through the curtain of unintelligible revolutions, propaganda and counter-propaganda, which has led many citizens of this country to despair of ever trying to understand Latin America. He writes from a well-balanced and unbiased viewpoint, frequently employing a delightful humor to illustrate the character of the people he describes, or to drive home a point.* (KLUCKHOHN,F.“Twenty Republics South of Us”. NYT,NY. 05/11/1939,p. 99;106)

15C.f: *So much has been written about this territory by persons with preconceived notions or irons in the fire that it is refreshing to find a writer who wields his pen with warmth toward his subject but without prejudice. Mr. Ybarra really knows South America, around which he recently traveled again, and he should, for his father was a venezuelan, although his mother was a Bostonian.* (KLUCKHOHN,F.“Twenty Republics South of Us”. NYT,NY. 05/11/1939,p. 99-106)

É notável, portanto, que Ybarra gozava de particular autoridade para narrar a América Latina. Sua ascendência venezuelana, nessa perspectiva, fora elemento autorizador de análises que, como será discutido, estavam muito longe de serem *balanceadas e imparciais*.

3. A viagem

Ybarra partiu de Nova York em um momento paradigmático do século XX norte-americano, em meio à conjuntura de incertezas e temores do final da década de 1930. Percorreu, entre a segunda quinzena de novembro de 1938 e março de 1939 (menos de quatro meses, portanto), 13 países da América do Sul e Central, produzindo artigos despachados por correio aéreo a Nova York e publicados concomitantemente ao percurso, muitas vezes nos amplos e disputados espaços das primeiras páginas. Isso indica – assim como os comentários tecidos por editoriais¹⁶ – a grande relevância atribuída pelo jornal à viagem e seus relatos.¹⁷ Cabe destacar que seus artigos eram relativamente extensos, mas repletos de análises fragmentárias produzidas a partir de breves estadias nos lugares de passagem.

Tudo isso, aparentemente, deriva da especificidade de seu relato – em verdade, mais propriamente uma série de artigos jornalísticos –, e talvez da ansiedade, que caracterizava o jornalismo de guerra, por notícias diretamente dos “*fronts*”. Além disso, ainda que não se deva perder de vista que a edição do jornal interferia como intermediária no texto dos artigos – agindo como “co-autora” do relato – a simultaneidade viagem-publicação impediu que Ybarra

16 “A world trade war”. In: *NYT*, NY, 02/12/1938, p.22. “Topics of the Times”. In: *NYT*, NY, 09/12/1938, p.24; “Topics of the Times”. In: *NYT*, NY, 15/12/1938, p.26; “Topics of the Times”. In: *NYT*, NY, 21/12/1938, p.22.

17 O *NYT* é um dos jornais da grande imprensa que às vésperas da Guerra tinha maior alcance nacional – em contraste com a tendência da imprensa do país a restringir-se a localidades específicas – e sua tiragem média diária era de 485.036 jornais (dominical de 812.142), enquanto a média nacional, calculada a partir de dados obtidos pela bibliografia, era de apenas 28.376 (BURBAGE, CAZEMANJOU e KASPI, 1972; BERGER, Meyer, 1970). A opção pelo deslocamento de correspondentes e viajantes para os *fronts* da guerra – a América Latina também compreendida como um *front* –, ao invés de republicar artigos das Agências de Notícias, provavelmente conferiu ao jornal particular autoridade em matéria de política internacional (SARAIVA, 2015). Some-se a isso o fato de os artigos de Ybarra serem em sua maioria publicados entre as primeiras páginas do jornal, além da positiva recepção interna de seus artigos, e têm-se indícios significativos sobre o alcance das produções do viajante.

A viagem de Thomas Russel Ybarra (1938-1939): New York Times e a política da boavizinhança

reescrevesse e imprimisse, *a posteriori*, homogeneidade a seu relato, permitindo que o historiador entreveja algumas clivagens em suas análises.

Há que se considerar ainda que a incursão assumiu um caráter de “trabalho de campo”, explicável por seu objetivo informativo, no qual a possibilidade de *ver* e *escutar* eram os principais referenciais de legitimidade que Ybarra mobilizava, com o fim de persuadir seus leitores da veracidade do que escrevia. Eram comuns passagens como:

Tendo visitado, enquanto a VIII Conferência Pan-Americana estava em sessão em Lima, as três mais importantes repúblicas latino-americanas ao sul do Panamá [...] e a menor, o Uruguai, este correspondente **está em posição de ver** suas impressões dos quatro em perspectiva, e tirou delas as seguintes deduções.¹⁸ (grifo meu)

Nessa mesma perspectiva, Ybarra recorria frequentemente ao fato de ter se encontrado – embora sem especificar quem seriam – com “fontes confiáveis daqui debaixo” e “muito bem informados especialistas no assunto”. Além disso, contava anedotas sobre encontros notáveis com “nativos” e experiências prosaicas – suas ou de terceiros –, que seriam facilmente reproduzíveis e, portanto, verificáveis por qualquer norte-americano de passagem pelas Américas, o que amplificava o poder persuasivo de seus textos.

A análise dos recursos que mobilizava para legitimar suas observações são importantes ainda por outro motivo. Ela fornece *indícios* a respeito de com quem o viajante conversou e quais circuitos frequentou, o que indica como sua experiência foi direcionada. Mas, sobretudo, dá indícios de quem ele – ou o jornal – *selecionou* e *autorizou* como os mais capacitados a produzirem visões sobre a América Latina. Assim, mesmo que Ybarra citasse algumas conversas com estudantes latino-americanos e anedóticos encontros com transeuntes nas ruas, não é de se estranhar que recorresse majoritariamente a altos oficiais

18C.f: *Having visited, while the Eight Pan-American Conference was in session at Lima, the three most important Latin-American Republics south of Panama [...] and the smallest, Uruguay, this correspondent is in a position to view his impressions of the four in perspectiva, and draw from them the following deductions.* (YBARRA, T. “Americas divided in opinion on U.S.”. *NYT*, NY. 28/12/1938, p.9).

do governo – “Esse correspondente foi informado por um dos mais proeminentes oficiais do governo em Montevideú” –, e, com frequência ainda maior, a “Americanos no local” (*Americans on the ground*). Por exemplo: “Este correspondente foi a um almoço no qual muitas lideranças empresariais americanas daqui estavam presentes – homens de experiência, visão larga e aguçada inteligência” ou “Vários caminhos para fora da presente confusão são sugeridos pela colônia empresarial americana em Montevideú”.¹⁹

Os latino-americanos, nessa perspectiva, apareciam na argumentação de Ybarra apenas como personagens intermediários de experiências às quais ele, enquanto autoridade, conferia significado. Muitas vezes, figuras anônimas surgiam brevemente para fazer afirmações que situavam os latino-americanos em posição secundária e passiva, por vezes mesmo suplicante, localizando o *elemento ativo e interventor* nos Estados Unidos: “Se ao menos vocês Americanos construíssem uma estrada aqui!”, um importante personagem exclamou para mim em Buenos Aires”.²⁰ Apareciam ainda para fazer declarações convenientes para os EUA, sugerindo consensos a respeito de assuntos extremamente polêmicos entre os próprios latino-americanos: “Se a Alemanha continuar a agir tão agressivamente [...] ‘aqueles meus compatriotas que agora se recusam a ver a necessidade da proteção americana [...] indubitavelmente serão curados de sua cegueira’”.²¹ Ybarra era a autoridade, portanto, através da qual alguns poucos e convenientemente selecionados latino-americanos se destacavam da paisagem para adquirir validade por promoverem experiências que corroboravam as posições, crenças e preconceitos do autor, ou então por fazerem afirmações simpáticas a seu projeto político.

19YBARRA,T. “U.S. trade in Uruguay declines”. In: *NYT*, NY, 19/12/1938, p.2.

20YBARRA,T. “Argentines Typify Anti-Americanism”. In: *NYT*, NY, 20/02/1938, p.19

21A afirmação ganha especial relevância quando se considera o temor, entrevisto no artigo, de que a Argentina apresentasse na vindoura Conferência de Lima resistências análogas àquelas da Conferência de Buenos Aires (1936). (YBARRA,T. “Argentines Typify Anti-Americanism”. In: *NYT*, NY, 20/02/1938, p.19)

A viagem de Thomas Russel Ybarra (1938-1939): New York Times e a política da boavizinhança

A curta viagem seguiu o seguinte percurso:²² Ybarra permaneceu entre meados de novembro e início de dezembro no Rio de Janeiro; então embarcou para Buenos Aires, onde permaneceu até a metade do mês, com uma breve incursão a Montevideú. Deslocou-se, já com a Conferência de Lima em curso, para o Chile, visitando Santiago e, em seguida, tomando um trem para investigar as colônias alemãs da região de Valdivia. Em janeiro de 1939 partiu para Lima (Peru), onde permaneceu uma quinzena, para então deixar a América do Sul rumo à América Central. Após longa estadia em San José (Costa Rica) em fevereiro, deslocou-se até a Guatemala, onde tomou um automóvel e um motorista guatemaltecos para percorrer o único trecho asfaltado da Pan-American Highway, que levava a San Salvador (El Salvador). Percorreu por fim, em poucos dias, Tegucigalpa (Honduras), Manágua (Nicarágua) e Havana (Cuba), retornando aos EUA ainda na primeira quinzena de março.

A presente análise seguirá o trajeto do viajante, atentando para os temas mais frequentemente discutidos. Objetiva, enfim, compreender como, subjacente às diversas e fragmentárias produções, entrevem-se um sentido global, a partir do impulso totalizador de Ybarra enquanto viajante imperial num contexto paradigmático do século XX norte-americano. Ele percebeu e analisou a contenda por influência na América Latina como parte de uma batalha que, imaginava, viria ser a travada entre a Democracia e o Totalitarismo, batalha na qual apenas os Estados Unidos estariam capacitados a salvaguardar o mundo livre.

Nessa perspectiva, as análises de Ybarra podem ser divididas em três temas recorrentes, intimamente relacionados com seu objetivo principal de investigar a situação política ao Sul do Rio Grande. Em primeiro lugar, buscou precisar o estado da penetração do nazi-fascismo nos países que percorreu. Comparou ostensivamente seus quadros de

²²Os artigos vinham com dupla datação e localização, uma referente ao dia e local da redação, outra da data e local da publicação. Na ausência de outras fontes sobre a viagem, não é possível asseverar que Ybarra não percorreu outros países e cidades além daquelas sobre os quais, e desde as quais, escreveu, e tampouco asseverar seu tempo de estadia em cada lugar. O que se segue, portanto, são apenas estimativas de tempo e espaço desenvolvidas a partir das datas de assinatura dos despachos e dos temas que foram objeto de análise.

comércio exterior, averiguando em quais regiões e em que grau os Estados Unidos enfrentavam uma maior ameaça à sua primazia comercial, o que talvez se traduzisse em ameaça a sua influência em geral. Ybarra quantificou ainda as comunidades de imigrantes locais, analisando as formas de coerção de militantes para arregimentar adeptos.

Em segundo, e de maneira complementar, o viajante procurou aferir sumariamente como os latino-americanos se sentiam em relação a um visitante norte-americano qualquer e aos Estados Unidos de uma maneira geral. Isso seria fundamental para especificar as possibilidades de aproximação em meio às aguerridas contendas por influência. Por último, atravessando toda a documentação, produziu análises essencialistas sobre a “natureza” dos latino-americanos, aceitas como importantes categorias explicativas para as distintas posições que assumiam, naquele momento decisivo, em relação aos nazistas e aos norte-americanos.

Nessa perspectiva, trabalha-se com a hipótese de que, contemplando esses três aspectos, Ybarra tomou parte dos que pensavam, no contexto, um lugar de hegemonia mundial para os Estados Unidos.²³ A viagem pelas margens do império produziu uma determinada versão do novo lugar que vinha sendo pensado para os norte-americanos a partir da Boa-Vizinhança. Em outras palavras, defende-se que Ybarra, naqueles espaços altamente férteis que são as *zonas de contato*²⁴, reencontrou um sentido providencial para os Estados Unidos, produzindo seu significado em um complexo, e nem sempre confortável, “jogo de espelhos” que envolvia os *outros* aproximados latino-americanos, os antípodas

23É importante ressaltar que em nenhum momento Ybarra concorda que os EUA seriam uma nação imperial. Pelo contrário: a imagem que constrói para o país ironiza o temor latino-americano em relação ao “imperialismo yankee” e se sustenta na aberta contraposição com os alemães, que afirma serem imperialistas, e aos ingleses. Defendo que essa posição assemelha-se à *retórica da anti-conquista*, na acepção de Mary L. Pratt (1999), ou à *ilusão de benevolência* discutida por Said (2005).

24Na acepção de Pratt, *zonas de contato* são espaços em que operam encontros de culturas, advindos da mitigação temporária de descontinuidades históricas e geográficas. Nessa perspectiva, são zonas interativas e, portanto, instáveis e que envolvem improvisações, nas quais ocorrem trocas *assimétricas* de mão dupla e experiências múltiplas diante do *Outro* visitado, por um lado, e do *Outro* visitante, por outro. (PRATT, 1999)

A viagem de Thomas Russel Ybarra (1938-1939): New York Times e a política da boavizinhança

européus que encontrava no caminho e, enfim, seu anti-próprio, o “ultra-agressivo” terceiro Reich.²⁵

3.1. América do Sul: Brasil, Argentina, Uruguai, Chile e Peru

A experiência de Ybarra na América do Sul foi marcada pela percepção de um pró-americanismo crescente, mas atravessada por tensões. A influência nazista no Brasil, o antiamericanismo na Argentina, as péssimas relações comerciais com o Uruguai e o nacionalismo chileno, de uma maneira geral, engendraram preocupações no viajante, e foram retratadas, em minha análise, como *provações* em meio a férteis elucubrações sobre o papel mundial do império norte-americano.

3.1.1. Brasil: a disputa por um “bom vizinho”

Ybarra aportou no Rio de Janeiro a fins de novembro, onde permaneceu até dezembro e produziu três artigos predominantemente marcados pela preocupação com a influência nazista. Para o viajante, o Brasil era alvo de ofensiva extremamente eficiente por parte da Alemanha. Em sua perspectiva, a mais importante das repúblicas americanas encontrava-se no centro da organizada campanha dos Estados Totalitários para dominar a América Latina. Através do “contrabando” de ensino propagandístico, do rádio e do fornecimento de serviços jornalísticos gratuitos, uma investida cultural estaria em curso, e talvez desembocasse numa “infiltração política” que, no longo prazo, levaria ao completo triunfo do nazismo no país.²⁶

É provável que seus primeiros dias no Brasil tenham aprofundado sua apreensão de maneira imprevisível. Seu segundo artigo, em contraste com o primeiro, é repleto de adjetivações hiperbólicas indiciárias de que o viajante pode ter se encontrado com uma ameaça que excedia suas expectativas. Assim, os alemães seriam dotados de “tremenda”

²⁵HARTOG, François. *O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro*. UFMG.B.Horizonte, 1999.

²⁶YBARRA, T. “Brazil to garrison nazis’ stronghold”. In: *NYT*, NY. 25/11/1938, p.1.

força, contando com uma “massa compacta” de imigrantes de “inestimável” experiência, a maioria deles ocupando lugares de destaque em todos os âmbitos da vida nacional.²⁷ Ademais, as vantagens comparativas alemãs seriam *evidentes* e insuperáveis por qualquer nação, sendo o “mais formidável fator estrangeiro nesse país”. Tudo o que um visitante americano precisaria fazer para confirmá-lo seria percorrer a Av. Rio Branco ou a Rua da Alfândega, e observar as “luxuosas sedes de ricos alemães” e seus imponentes prédios bancários. Seu artigo, assim, assumia a feição de um alerta:

Subestimar o inimigo de alguém – como os americanos vivendo no Brasil, que tiveram oportunidades de testar a eficiência alemã de perto constantemente apontam – é tanto ingênuo quanto perigoso, e não fará para o Tio Sam o menor bem [...] em sua luta contra a gigantesca empreitada pela supremacia que os nazistas lançaram contra esta que é a maior [...] de todos as repúblicas latino-americanas²⁸.

Mas o assédio alemão não se restringia a isso. Ecoando a longeva preocupação do jornal em relação ao mercado de compensação supramencionado, Ybarra esteve no Brasil a tempo de amargamente registrar a ultrapassagem alemã, em relação aos EUA, na disputa pelo primeiro lugar entre os exportadores para o país. Tratar-se-ia de uma batalha perdida em meio à “amarga guerra econômica agora sendo travada entre a grande democracia americana e as agressivas nações totalitárias de além-mar, especialmente o ultra-agressivo terceiro-Reich nazista, pela supremacia no mercado latino-americano”.²⁹ Guerra que vinha sendo conduzida pelos “cruéis métodos” que subsumiam as economias americanas aos *aski marks*, mas que não era enfrentada com equivalente esforço *por parte dos Estados Unidos*:

[...] **nós** precisamos **nos** preparar para uma batalha desesperada; **nós** precisamos entender que **nós** estamos enfrentando um sólido *front* de oposição alemã no qual apenas os esforços unificados dos exportadores

27YBARRA,T.“Germans in Brazil press trade drive”.In: *NYT*, NY. 28/11/1938, p.6

28C.f: *Underestimating one's rivals – as americans living in Brazil, who have had occasion to test German efficiency at close quarters, constantly point out – is both foolish and dangerous. And it will not do Uncle Sam the slightest good [...] in fighting the gigantic drive for supremacy that the Nazis have launched in this biggest [...] of all Latin American republics.* (YBARRA,T.“Germans in Brazil press trade drive”.In: *NYT*, NY. 28/11/1938, p.6)

29YBARRA,T.“Germans recover Brazil trade lead”.In:*NYT*, NY. 01/12/1938, p.14.

A viagem de Thomas Russel Ybarra (1938-1939): New York Times e a política da boa-vizinhança

americanos, apoiados efetivamente por ajudas governamentais em Washington, podem levar a algum benefício apreciável.³⁰ (grifo meu)

A passagem é emblemática. Nota-se que Ybarra apresentava, desde o *front*, um confronto entre *duas potências*, marcadas por duas atitudes antinômicas: a *agressão* da totalitária Alemanha e o *auxílio* da “grande democracia Americana”. Nota-se ainda que, nesse confronto, a América Latina era situada passivamente como o *campo* em que a batalha se executava, mas sem capacidade de intervenção ativa em sua própria realidade.

Condizente com isso, e apesar da ofensiva alemã registrada por Ybarra nos primeiros artigos, representou os brasileiros como essencialmente democráticos e amantes da paz (*peace-loving*), naturalmente tolerantes, “de bem com a vida” e inclinados a gostar de estrangeiros. Acossado pelos vexatórios contratos do mercado de compensação e pela “falta de tato” germânicos, o Brasil manifestava inconfundíveis sinais de hostilidade aos alemães e o desejo de se livrar de sua subserviência, embora como nação economicamente fraca não dispusesse dos recursos necessários para tal. Essa ojeriza seria perceptível até nas mais prosaicas situações do cotidiano: os brasileiros, afirma, vaiavam e gritavam apaixonadamente todas as vezes que Hitler, Goering ou Goebbels surgiam nas telas dos cinemas. Seu temor e ansiedade, bem como os das demais nações fracas do globo, teriam se ampliado diante da “rendição” francesa e britânica na Conferência de Munique.³¹ Para Ybarra, nesse momento de insegurança os brasileiros “escaneavam” o horizonte em busca de um parceiro para eventual ajuda. A Inglaterra, temiam, talvez protegesse apenas seu próprio Império, deixando o Brasil seguir o trágico caminho da Tchecoslováquia. Por outro lado,

Quando os brasileiros alarmados dirigem seu olhar para os Estados Unidos, eles são de alguma forma encorajados [...] Sempre fortemente pró-americano,

30C.f: *we must gird ourselves for a desperate struggle; we must realize that we are up against a solid front of German opposition in which only united efforts on the part of American exporters, backed by effective governmental aid in Washington, can make any appreciable dent.* Idem.

31Trata-se de acordo celebrado em setembro de 1938 entre Itália, Alemanha, Inglaterra e França que, objetivando a pacificação da região, acordava a cessão da região do Sudetos, na Tchecoslováquia, à Alemanha.

o Brasil tornou-se-o ainda mais desde que o Presidente Roosevelt e o Secretário de Estado Cordell Hull embarcaram em sua Política da Boa Vizinhança em direção à América Latina. [...] Eles sentem-se razoavelmente certos de que os Estados Unidos os protegeria eficientemente em caso de um ataque estrangeiro.³²

Aqui fica claro, portanto, que a suposição de uma relação entre nações iguais, princípio da Boa Vizinhança, encontrava sua contraparte na localização do Brasil sob a necessária tutela dos EUA. O Brasil poderia ser essencialmente democrático e avesso ao nazismo, e ainda profundamente pró-americano. Mas no âmbito das relações de cooperação hemisférica, havia posições assimétricas bem delimitadas para Brasil e EUA: o primeiro deixava de ser uma *potencial ameaça* para se tornar um *bom vizinho*, enquanto ao segundo cabia a *salvaguarda do Continente* – garantindo até mesmo militarmente a soberania das Américas. Note-se ainda que, nessa mesma passagem, Ybarra declarou a incapacitação do Imperialismo do Velho Mundo, adstrito a seus particularismos, em proteger o mundo livre. Por conseguinte, emergindo do confronto com o nazi-fascismo expansionista, distanciando-se da velha Inglaterra e erigindo-se como protetora das nações fracas do continente Americano, emergia diante de Ybarra a única nação capaz de ocupar esse posto: a nação norte-americana.

O viajante voltaria a fazer referência ao Brasil alguns dias e artigos à frente, retomando de maneira amplificada a boa imagem produzida tanto por sua breve estadia no Rio, quanto pela experiência antitética promovida pelos argentinos. Afirmaria, assim:

O Brasil é a mais pró-americana das Repúblicas visitadas por esse escritor. Os brasileiros, como um todo, praticamente jamais sucumbiram à *yankeefobia* tão agudamente quanto outros latino-americanos, até mesmo nos períodos da história latino-americana em que essa doença era mais intensa; nem eles deixaram o **medo do 'imperialismo yankee roubar o seu sono**.³³ (grifo meu)

32C.f: *When these alarmed Brazilians turn their eyes toward the United States they are somewhat encouraged [...] Always strongly pro-American, Brazil has become more so since President Roosevelt and Secretary of State Cordell Hull embarked on their Good Neighbor policy toward Latin America. [...] They feel reasonably sure that the United States would protect them effectively in case of foreign attack.* (YBARRA, T. "Brazil to garrison nazis' stronghold". In: *NYT*, NY. 25/11/1938, p.1.)

33C.f: *Brazil is the most pro-American of the Republics visited by this writer. The Brazilians, as a whole, have seldom if*

A viagem de Thomas Russel Ybarra (1938-1939): New York Times e a política da boa-vizinhança

3.1.2. Argentina: a amargurada “yankeefóbica”³⁴

Ybarra tomou uma embarcação do Rio de Janeiro para Buenos Aires em 1º de dezembro. Em um artigo escrito em trânsito, afirma tentar organizar as notas e impressões tomadas em sua “curta, mas altamente instrutiva” estadia no Brasil.³⁵ O artigo é carregado de simbolismos: o distanciamento físico de seu barco do porto do Rio de Janeiro, narrado cuidadosamente pelo viajante, foi apresentado como um verdadeiro deslocamento entre dois mundos: um pró-americano Brasil e uma “yankeefóbica” Argentina que, antes mesmo de efetivamente visitada, já era retratada como muito menos afeita aos norte-americanos e dotada de uma “mente mais intranquila”. Assim, afirma que, ainda no Rio de Janeiro, tendo se encontrado com estudantes de relações internacionais, fora alertado:

‘Você precisa sempre lembrar que as relações entre os Estados Unidos e as outras vinte repúblicas americanas são complicadas e imprevisíveis’, alertou um particularmente bem informado analista das condições daqui debaixo. ‘Elas estão sujeitas a abruptas variações de temperatura entre os governos e indivíduos. Elas mostram uma alternância regular entre tempestades violentas e distensões ensolaradas de concordância internacional. Ultimamente, graças ao estável desenvolvimento da Política da Boa-Vizinhança de Roosevelt-Hull, os períodos de sol têm sido mais longos e mais ensolarados. Eles devem permanecer. Todos nós, do Norte e do Sul, esperamos isso. Mas fique atento às tempestades’.³⁶

*ever succumbed to Yankeeophobia as acutely as other Latin Americans, even at periods of Latin-American history when that disease was most rampant; **nor have they let fear of ‘Yankee imperialism’ rob them of their night’s sleep.*** (YBARRA,T.“Americas divided in opinion on U.S.”. In: NYT, NY. 28/12/1938, p.9.)

34Note-se que a análise do autor sobre a *yankeefobia* latino-americana – assim como dos perigos de uma possível adesão às ideias nazistas – é muitas vezes pensada em termos de “idealismo” e “sensibilidade”, contrapostas ao “racionalismo” anglo-saxão. Assemelha-se às referências do “latinismo” de intelectuais do início do século, como de Rodó e da corrente arielista.

35Nota-se que emerge, apesar do caráter fragmentário dos artigos publicados, uma experiência repleta de sentidos para o viajante. (YBARRA,T.“Door open to U.S. in Latin America”.In:NYT, NY. 08/12/1938, p.18).

36C.f: ‘You must always remember that relations between the United States and the twenty other American republics are both complicated and unpredictable’, warned a particularly well-informed analyst of conditions down here. ‘They are subject to abrupt variations of teperature in governments and individuals. They show a regular alternation of violent squalls with stretches of agreeable international sunshine. Of late, thanks to que steady development of the Roosesvelt-Hull good neighbor policy, the sunny spells have been longer and sunnier. They will probably tay that way. All of us, North

É pouco relevante se o alerta ocorreu ou não desta forma. O interessante é notar como, a partir dele, Ybarra afirmou ter sido capaz de chegar a diversas conclusões que seriam “amplamente aplicáveis, aliás, não apenas para a maior das repúblicas latino-americanas, mas para o resto delas também”.³⁷ Note-se que ainda que tenha apenas visitado o Brasil, nesta viagem, o autor produziu um discurso que fixava determinadas características não só argentinas, mas do conjunto dos latino-americanos. A generalização produzida no início de seu percurso – e inúmeras vezes reproduzida em seus artigos –, é fruto de um olhar que tende a homogeneizar os “latinos”, num discurso em que o viajante se coloca como autoridade capaz de explicar e relatar o *outro* “interno”, e inferior, que compõe as Américas.

Ybarra promoveu, neste momento indicado por ele próprio como particularmente fértil, uma análise sobre o significado da Política da Boa Vizinhança. Afirmou que suas experiências ao sul do Rio Grande vinham demonstrando que a Doutrina Monroe, que um dia significara uma forma de “protetorado” dos Estados Unidos sobre o resto do continente, agora estava morta. De suas cinzas, ressurgira renovada e concretizada na Política da Boa-Vizinhança, já às vésperas da importante Conferência de Lima, como uma efetiva “parceria meio-a-meio entre a América Latina e os Estados Unidos”. Afinal, Ybarra acreditava que a vindoura Conferência iria “certamente lançar uma Era de amizade sem precedentes entre as Repúblicas Latino-Americanas e a *“the great Republic of the North*, como os latino-americanos têm enorme prazer em chamar os Estados Unidos”³⁸.

Apesar disso, Ybarra estava certo de que as tempestades viriam, e já vislumbrava o encontro com o antiamericanismo argentino. Também antecipava um preconceituoso elemento explicativo para esse incômodo fenômeno, atravessado pela crença na superioridade anglo-saxã: se entre os brasileiros predominava o gosto pelos norte-

and South, hope so. But-look out for the squalls!. (YBARRA,T.“Door open to U.S. in Latin America”.In:*NYT*, NY. 08/12/1938, p.18)

37YBARRA,T.“Door open to U.S. in Latin America”.In:*NYT*, NY. 08/12/1938, p.18

38YBARRA,T.“Door open to U.S. in Latin America”.In:*NYT*, NY. 08/12/1938, p.18

A viagem de Thomas Russel Ybarra (1938-1939): New York Times e a política da boa-vizinhança

americanos, isso se devia a sua ascendência portuguesa – seriam “conciliatórios e tolerantes, inclinados a ver o lado bom de todos os estrangeiros”. Nota-se que os brasileiros eram favoravelmente localizados como um terceiro elemento aproximado dos EUA, mas cujo significado era atribuído mediante o atendimento das expectativas imperiais: eles *deviam* ser, e eram, tolerantes e receptivos aos norte-americanos. Já os argentinos e os demais latino-americanos, das “*Spanish-speaking, Spanish-thinking republics*”, seriam pessoas “inflamadas e de pavio curto”, que seriam “facilmente ofendidos e inclinados a não-compreender os estrangeiros”, principalmente aqueles que, como os norte-americanos, tinham temperamentos e pensamentos “completamente diferentes” dos seus.³⁹

Sua análise sobre o caráter latino progride, em diversos momentos, para a ironização dos “sensíveis vizinhos sulistas” dos brasileiros. Em suas palavras, os cariocas, ao lerem casos sobre o “ressentimento entre o “*el tio Samuel*” e o “Lobo do Norte”, alegadamente preparando-se para devorar algum frágil cordeiro hispano-americano”, davam de ombros e riam – “O perigo Yankee de novo!”.⁴⁰ Aliás, ironizar e desautorizar, em perspectiva essencialista, o antiamericanismo argentino, era uma constante nos artigos de Ybarra, como se poderá notar em seguida. Nessa perspectiva, é possível aventar que a Argentina emerge como um *problema* para o jogo de aproximações e distanciamentos que confere sentido à viagem, a ser resolvido para dar coerência ao projeto que dele emerge no interior da Boa-Vizinhança.

Afinal, o viajante permaneceu pouco mais de uma quinzena na Argentina, com breve incursão a Montevideú. Suas discussões gravitaram, durante todo o período e seis artigos, em torno do antiamericanismo. Para Ybarra ele poderia ser encontrado até no mais casual encontro com residentes nas ruas sinestésicas e agressivas da metrópole, onde afirma ter

39YBARRA,T.“Door open to U.S. in Latin America”.In:*NYT*, NY. 08/12/1938, p.18

40YBARRA,T.“Door open to U.S. in Latin America”.In:*NYT*, NY. 08/12/1938, p.18.

topado com um cartaz que trazia em letras garrafais: “Abaixo o imperialismo Yankee!”.⁴¹ Para o viajante, o verdadeiro “preconceito anti-americanista”, cuja capital era Buenos Aires, seria explicado, para além da volatilidade temperamental atavicamente hispânica, também pela recalcitrante e desagradável memória do obsoleto intervencionismo de alguns “obscuros” norte-americanos⁴². Seria explicável ainda pelo fato de que a Argentina estava enriquecendo, o que teria tornado o cidadão comum pretensioso, insuflando sua arrogante e já característica *“I’m-as-good-as-anybody-and-better-than-most attitude”*.⁴³ Isso tudo se tornava particularmente preocupante para o viajante, uma vez que além de ser o “mais progressista e mais rico” entre os países latino-americanos, a Argentina era também a república que exercia maior influência sobre seus vizinhos. À capacidade de dobrar a provação que lhes era apresentada pela Argentina, enfim, atrelava-se o sucesso ou fracasso em aumentar a influência norte-americana no conjunto das Américas.⁴⁴

Diante disso, o espectro era particularmente desestimulante: o comércio entre Estados-Unidos e o país havia sofrido quedas, como Ybarra descobre – a Inglaterra mantinha-se a principal exportadora, mas a Alemanha substituíra os EUA no segundo lugar entre os importadores do país. Para o viajante, isso poderia minar “desastrosamente” sua capacidade de influenciar as posições argentinas e “arregimentar sua cooperação”. Além disso, permitia que os ingleses, a tudo dispostos para manter sua supremacia comercial, juntamente com a Alemanha Nazista (“o mais formidável bastião do Totalitarismo”), incentivassem o antiamericanismo argentino e minassem ainda mais as posições da “mais poderosa cidadela da democracia no Novo Mundo” (EUA), que empenhava-se em convencer os latinos de que os “esforços de nossa parte, para conseguir uma ação acordada de todos os países desse

41YBARRA,T.“Argentina opposes any U.S. hegemony”.In:NYT, NY. 12/12/1938, p.12.

42YBARRA,T. “Argentines typify anti-americanism”. In: NYT, NY. 20/12/1938, p.19.

43YBARRA,T.“Americas divided in opinion on U.S.”. NYT, NY. 28/12/1938, p.9

44YBARRA,T. “Argentines typify anti-americanism”. In: NYT, NY. 20/12/1938, p.19.

A viagem de Thomas Russel Ybarra (1938-1939): New York Times e a política da boa-vizinhança

continente, são inspirados primariamente pelo desejo de impedir as nações totalitárias agressivas”.⁴⁵

Mas nem tudo eram tempestades. Apoiando-se em latinos “otimistas”, Ybarra assume que, em virtude da Política da Boa Vizinhança, do temor advindo da capitulação das democracias europeias em Munique e da ojeriza à supremacia britânica na economia argentina, o preconceito vinha esmorecendo nos últimos tempos. Os latino-americanos, para Ybarra, estariam cada vez mais se questionando: “Que passos drásticos a América Latina poderia sequer tomar sem a orientação e a cooperação dos Estados Unidos? Qual voz latino-americana [...] pode sequer carregar o peso da voz do ‘Colosso do Norte?’”.⁴⁶ Ou então percebendo que “a América Latina talvez caia facilmente como uma presa para as invasões totalitárias, a não ser que seja protegida por todo o poder militar dos Estados Unidos”.⁴⁷

É notável, nessa perspectiva, que sua estadia na Argentina reforçava os lugares antipódicos que vinham sendo produzidos pelo viajante: de um lado, o invasor estrangeiro alemão que se avolumava crescentemente ameaçador; de outro, os EUA, situados na posição de protetores dos latino-americanos pela retórica de *anti-conquista* mobilizada por Ybarra.⁴⁸ A Inglaterra surgia como uma espécie de particularismo ultrapassado, espelho invertido no qual os norte-americanos viam-se como o *novo*, e os únicos capazes de apresentar efetiva resistência à Alemanha por pensarem em termos globais e “desinteressados”. Tudo isso, entretanto, condicionava-se a sua capacidade de dobrar as resistências ingenuamente apresentadas pelos argentinos. De uma maneira geral, tudo parecia confirmar o diagnóstico inicial auferido pelo viajante em algum lugar entre Rio de Janeiro e Buenos Aires: “Pessoas

45YBARRA,T.“U.S. and Britain vie in Argentina”In: *NYT*,NY. 13/12/1938,p.16.

46YBARRA,T.“Argentina opposes any U.S. hegemony”.In:*NYT*, NY. 12/12/1938, p.12.

47YBARRA,T. “Argentines typify anti-americanism”. In: *NYT*, NY. 20/12/1938, p.19.

48Na acepção de Pratt, a *anti-conquista* é uma estratégia representacional recorrente entre sujeitos com horizontes imperiais de discurso, através da qual buscam eximir-se das responsabilidades de um discurso dominador, asseverando a inocência ou benevolência de suas intenções e perspectivas sem, contudo, subtrair-se às relações de dominação. Note-se a frequência desta prática em Ybarra. (PRATT, 1999)

nessas partes estão cada vez mais acreditando que o que o Tio Sam está carregando em sua mão **não é um grande porrete, mas apenas um guarda-chuva**".⁴⁹ (grifo meu).

3.1.3. O pequeno Uruguai e o Chile nacionalista

A 10 de dezembro – em meio a sua estadia em Buenos Aires – Ybarra produziu um único artigo a partir de incursão a Montevideú. Apoiando-se em comunidades empresariais norte-americanas no local, admitiu que o “pequeno Uruguai” não tinha tanta importância quanto os demais países que percorrera ou percorreria. Entretanto, o quadro que encontrara não era, mais uma vez, estimulante. Novamente, via-se obrigado a registrar que a Grã-Bretanha, a Alemanha e a Itália estavam “engolindo” sua parcela do comércio uruguaio devido, em parte, à tendência do país a importar apenas mediante exportações equivalentes de países parceiros. A nação foi chamada depreciativamente de uma “regular cidadela do bilateralismo”, um lugar não para o “arqui-inimigo do bilateralismo”, Cordell Hull, mas sim para Dr. Hjalmar Schacht – ministro da economia do Reich. Por outro lado, Ybarra afirma:

Os uruguaiois insistem que, em seu país, não há hostilidade em relação a nós [...] – nossos ideais democráticos são atrativos para eles, eles dizem aos visitantes americanos, e em seu meio nossos grandes homens comandam sua entusiástica admiração. O Uruguai faz acordos bilaterais com a Europa, eles explicam, unicamente porque são obrigados a fazer isso.

A Europa chama o tom para o qual o Uruguai precisa dançar. Como pode aquela pequena república ser cobrada a antagonizar nações europeias, agora as maiores compradoras dos produtos que ela precisa vender para viver [?].⁵⁰

Nota-se que o Uruguai foi apresentado como nação fria com os europeus, mas que se via forçada pelas circunstâncias a abandonar seu comércio com a nação que admiravam em

49Referência à diplomacia da presidência Theodore Roosevelt (1901-1909), identificada com um porrete, que a Política da Boa-Vizinhança, identificada com um guarda-chuva, afirmava ter superado. YBARRA, T. “Door open to U.S. in Latin America”. In: *NYT*. NY. 08/12/1938, p.18

50C.f: *Uruguayans insist that, in their country, there is no hostility toward us [...] our democratic ideals appeal to them, they tell American visitors in theirs midst, our great men command their enthusiastic admiration. Uruguay makes bilateral agreements with Europe, they explain, solely because she is obligated to do so. /Europe calls the tune to which Uruguay must dance. How can that little republic be expected to antagonize European nations, now the heaviest buyers of the products that ir must sell in order to live [?]* (YBARRA, T. “U.S. trade in Uruguay declines”. In: *NYT*. NY, 19/12/1938, p.2)

A viagem de Thomas Russel Ybarra (1938-1939): New York Times e a política da boa-vizinhança

troca de práticas sinistras “à la Dr. Schacht”, nas palavras de Ybarra. Afinal, o viajante afirmou que altos oficiais do governo *urgiram* para que os Estados Unidos passassem a comprar mais produtos uruguaios, de forma a ampliar suas reservas em dólares e retirá-los da posição de proximidade excessiva com a Europa. Mais uma vez, a “filantropia imperialista” emergia, dotando o Império da capacidade interventora nas realidades latinas, possivelmente aliviando as situações desagradáveis em que se encontravam.

A questão comercial também emergiu com centralidade no Chile, agora menos em confronto com a Inglaterra, e mais através da disputa, que já vislumbrara no Brasil, com a Alemanha. Um quadro mais positivo, entretanto, foi obtido nesses termos: no Chile, os EUA permaneciam os principais parceiros comerciais; a ascensão germânica, aqui, se fazia principalmente às custas do conservadorismo britânico. Mais uma vez, Ybarra recorreu a anedotas, agora para ridicularizar a obsolescência inglesa, em métodos e pensamento, por sua incapacidade de se adaptar à disputa com a Alemanha – e, por conseguinte, de deter o avanço nazista. Ainda assim, o problema também seria norte-americano:

Resumindo, a luta alemã pelo comércio chileno é tão amarga e tão implacavelmente conduzida, quanto a sua luta pelo Brasil e pela Argentina e em todo o resto da América Latina. Isso foi vivamente provado pela experiência de um enérgico americano que, tendo acabado de chegar em Santiago, saiu de seu hotel, cheio de determinação, para reservar pedidos para sua firma. Ele voltou na hora do almoço num estado de profundo abatimento. / ‘Muitos alemães por aí?’, eu inquiri./ ‘Muitos?’, ele bufou. O quê, cara, eles são tantos quanto as moscas!⁵¹

Se no âmbito econômico a supremacia americana era pressionada por baixo pelos nazistas, Ybarra surpreendeu-se positivamente com o estado das colônias germânicas. O viajante tomou um trem para o Sul e, tendo visto ou ouvido a respeito de cidades como

51C.f: *In short, Germany's fight for Chilean trade is just as bitter and as ruthlessly conducted as her fight in Brazil and Argentina and all over the rest of Latin America. This was proved vividly by the experience of an energetic American who, having just arrived in Santiago, sallied forth, from his hotel, full of determination, to book orders for his firm. He returned at lunch in a state of deep dejection/ 'Many Germans around?' I inquired/ 'Many?' he snorted. 'Why, man, they're as thick as flies!'*(YBARRA,T.“German traders win more in Chile”.In:NYT, NY. 17/01/1939,p.7)

Osorno e Puerto Varas, e tendo visitado Valdivia, afirma que, em oposição ao quadro brasileiro, por maiores e por mais herméticas que fossem as colônias germânicas dali, seguramente o Chile seria um “solo infértil para o nazismo”⁵². A despeito da ação ativa de militantes e da adesão de alguns jovens das comunidades ao nazismo, assegura aos leitores que, naquelas lindas e diligentemente trabalhadas paisagens, os alemães eram felizes e sentiam-se orgulhosos do país que os abrigara. E como, afirma, o hitlerismo se construía do “descontentamento e desespero”, não deveriam esperar nada daquele lugar.

Contudo, a verdadeira preocupação do autor com o Chile era de outra natureza. Nas eleições presidenciais daquele ano vencera a Frente Popular, apresentando um programa interpretado por Ybarra como altamente perturbador pela insegurança que supostamente promovia entre os investidores norte-americanos e seus bilhões aplicados à mineração. De uma coisa estava certo: o Chile forneceria um sólido *front* contra nazistas.⁵³ Entretanto, as preocupações abundavam: ambiciosos programas sociais e discursos “violentos” do presidente Aguirre, além da presença de elementos “extremistas” de esquerda na coalizão governamental – o viajante descreveu preocupado, por exemplo, uma marcha socialista que, em “gritos-de-guerra”, comemorava o nascimento de um “novo Chile”. Ybarra explica, enfim, sua preocupação: na ausência de um amplo mercado consumidor e de dinheiro suficiente para levar à diante o projeto da Frente, tal projeto só poderia ser executado às custas dos Estados Unidos, possivelmente por medidas tão drásticas quanto a expropriação das petrolíferas norte-americanas no México, realizada meses antes pelo governo de Lázaro Cárdenas⁵⁴.

Diante da busca por autossuficiência nacional no projeto industrializante da Frente, Ybarra assumiu uma posição desautorizadora semelhante à de quando descrevera o antiamericanismo argentino. Via o nacionalismo chileno como uma extravagância: uma

52YBARRA,T.“Chile held barren as soil for nazism”.In:NYT,NY. 13/01/1939,p.11.

53YBARRA,T.“Americas divided in opinion on U.S.”.In: NYT, NY. 28/12/1938, p.9

54YBARRA,T.“Americans in Chile uneasy on future”. In: NYT, NY. 30/12/1938,p.7.

A viagem de Thomas Russel Ybarra (1938-1939): New York Times e a política da boavizinhança

excentricidade ou contradição – de certa forma, algo cômico, como se pensasse: “isto não deveria estar aqui”. O discurso imperial passava, novamente, pela desautorização do *outro*. Mais uma vez, recorria a anedotas em seu auxílio.⁵⁵ Note-se a passagem a seguir, que integra artigo sobre o nacionalismo chileno:

Depois de barbeado, esse Americano [Ybarra] saiu e foi quase atropelado na rua por um carro que trazia em sua lateral, em grandes letras, a proclamação ‘Feito no Chile’. **Julgando pelos tinidos, chiados e rangidos com o qual ele avançada, ele estava a ponto de ser desfeito ali também.**⁵⁶ (grifo meu)

3.1.4. Peru: duas experiências.

A passagem de Ybarra pelo Peru marcou inflexão nos artigos. Boa parte da tensão e da preocupação que o acompanhara pelo Cone Sul, dissipara-se diante de um quadro estimulante:

Americanos estão se dando bem aqui. Nos negócios eles vão muito bem. Eles estão se tornando famosos entre os peruanos. Eles vendem muitos produtos e compram muitos deles. Na batalha com os competidores pelo mercado peruano – alemães, britânicos, japoneses – americanos estão mais do que segurando as pontas.⁵⁷

Afinal, os EUA eram disparadamente os principais exportadores para o Peru, embora acossados, como sempre, por uma galopante Alemanha que apresentava as maiores taxas percentuais anuais de crescimento no comércio peruano. Sentia-se tranquilo, não tendo encontrado nenhuma das contradições que tanto lhe haviam perturbado anteriormente. Aliás, assegurou a seus leitores de que os nacionais, embora não fossem hostis com os

⁵⁵Note-se que o humor é recorrente nas produções de Ybarra, principalmente quando se trata de retratar uma “América Latina risível”, o que aponta nitidamente para a posição de superioridade da qual escrevia Ybarra.

⁵⁶Cf: *When shaved, that American sailed forth and was almost run down by a street car bearing on its side, in big letters, the proclamation ‘Made in Chile’. Judging from the clanking and wheezing and grinding with which it progressed, it was about to be unmade there too.* (YBARRA,T. “Autarchy in Chile faces obstacles”.In:NYT,NY. 05/01/1939,p.6)

⁵⁷Cf: *Americans are sitting pretty here. In business they are doing well. They are getting along famously with the Peruvians. They sell them a lot of goods and buy a lot of theirs. In the battle with competitors in the Peruvian market – Germans, British, Japanese – Americans are more than holding our own.*(YBARRA,T. “U.S. holds its own in peruvian trade”. In:NYT, NY. 24/01/1939,p.9)

alemães, o eram com japoneses e italianos, mas de nenhuma forma em relação aos norte-americanos. Em verdade, entusiasmou-se ao constatar que sinais de lojas escritos em inglês, para seduzir turistas, multiplicavam-se, bem como revistas americanas e tirinhas do pato Donald.

É notável que seu entusiasmo com o Peru adviesse da constatação da circulação de produtos culturais norte-americanos pelas Américas – produtos estes que, sabe-se, eram de particular importância cultural, política e econômica para a Boa-Vizinhança. Ademais, em seus relatos sobre o Peru, destacam-se dois temas. Em primeiro lugar, o encontro que Ybarra teve com fascistas que militavam através da Missão da Aviação Italiana e da instrução à polícia de Lima. Os italianos seriam espalhafatosos em sua tentativa desesperada de penetração propagandística, despertando tanto o riso, quanto o ressentimento dos peruanos. Em oposição a eles, os americanos da Missão Naval, que também se encontrava na cidade, se atinham a seu trabalho, eram diligentes e cumpriam funções sociais, não performando extravagâncias em público. Aqui fica claro como a gozação aos atrapalhados fascistas enaltece os EUA.⁵⁸

Em segundo lugar, o viajante afirma que, em Lima, entrou em contato com um “documento extraordinário”, que traduz e transcreve num artigo. Tratava-se de uma carta de um trabalhador peruano que buscava ajuda dos EUA para combater a dominação japonesa e a “subserviência” de seu governo. A carta afirmaria que os asiáticos eram a mais perigosa presença totalitária no país, acumulando *plantations*, empregando miseravelmente os nacionais, tomando mulheres como servas e oprimindo os trabalhadores do campo. É notável que, antes mesmo de transcrever a carta, Ybarra desautorizou flagrantemente seu autor: alertou seus leitores de que não havia nenhum perigo japonês no Peru; que a comunidade de imigrantes era pequena, composta de pessoas humildes, trabalhadoras e indiferentes à política. Aliás, assegurava, novamente assentado na ironia, que os japoneses no Peru “não se reúnem em nenhum submarino ou base aérea na costa peruana. Eles não

58YBARRA,T. “U.S. holds its own in peruvian trade”. In:NY7, NY. 24/01/1939,p.9

A viagem de Thomas Russel Ybarra (1938-1939): New York Times e a política da boavizinhança

estão arregimentados, militarizados, esperando uma chamada de clarinete para lutar por seu imperador.”. E então:

Aqui está a tradução, de alguma forma condensada, da carta, na qual o escritor tenta expressar, em muitas vezes mal escrito e não-gramatical espanhol, a animosidade e o agouro despertado pelos colonos de longínquos assentamentos japoneses, aborrecendo ele e seus amigos peruanos de todos os lados, na **patética esperança de que o que ele disse venha à atenção do Secretário de Estado Cordell Hull e do resto da delegação da Oitava Conferência Pan-Americana e leve eles a fazer algo sobre isso**.⁵⁹ (grifo meu)

É emblemático que, apenas oito dias depois disso, tenha escrito outro artigo em que relatava, agora sem ironia, as ações do governo peruano para restringir à “intricada maquinaria da penetração japonesa no Peru”.⁶⁰ Aliás, essa passagem parece ter um significado mais amplo. A construção (ou confirmação) do significado do Império norte-americano para Ybarra, através da delimitação de um espaço de tutela e hegemonia nas Américas, passava não apenas pela autoprocamação de sua autoridade em narrar, mas também pela *desautorização explícita* das narrativas do *outro* que eventualmente viessem à luz. Por isso, a carta foi expurgada, de antemão, de qualquer capacidade explicativa da realidade peruana que pudesse conter independentemente do filtro de Ybarra, ressurgindo controlada (e domada) como mera curiosidade, exótica e ingênua. Tendo desautorizado o subalterno peruano, procedeu à análise do estado da penetração japonesa como ela *de fato* seria: curiosamente, praticamente idêntica à relatada pelo “extraordinário” peruano.

3.2. América Central: um triunfo

Suas últimas experiências nas Américas foram atravessadas por descobertas positivas. A presença ostensiva dos nazistas era uma realidade desagradável, mas a posição comercial

59C.f: *Here is a translation, somewhat condensed, of that letter, in which the writer tried to express, in often misspelled and ungrammatical Spanish, the animosity and forebodings aroused by the settlers from far-away Japan besetting him and his fellow-Peruvians on all sides – in the pathetic hope that what he said might come to the attention of Secretary of State Cordell Hull and the rest of our delegation to the Eight Pan American Conference and make them do something about it.* (YBARRA,T. “Japanese ‘menace’ seen by a peruvian”. In: *NYT*, NY. 22/01/1939,p.30)

60YBARRA,T.“Peruvians check japanese inroads”.In: *NYT*, NY. 28/01/1939,p.7.

hegemônica dos Estados Unidos no sub-continente tornava-se fonte de segurança inestimável.

3.2.1. Costa Rica: a ilha democrática no mar de ditaduras

Não se pode precisar seu tempo de permanência na Costa Rica, mas é certo que suas experiências foram notáveis: como porta de entrada da América Central, introduziu uma parte da viagem em que Ybarra se sentia, em linhas gerais, confortável. A república foi retratada como antítese democrática dos outros quatro países, terras de ditadores caricatos e do atraso. A Costa Rica, um verdadeiro “oásis de tranquilidade” em meio a um “deserto de turbulência”, foi representada positivamente pela *exuberância*. Note-se que essa forma de descrição, aqui, recaia no exótico, tanto eliminando do país suas contradições, quanto estabelecendo um referencial a partir do qual o viajante pensava depreciativamente os demais centro-americanos. Mas o que, enfim, explicaria o excepcionalismo da “pequena ilha modelo”?

Quando as pessoas aqui tentam explicar a notável diferença entre seu país e o resto da América Central, elas dão especial importância para o fato de que a Costa Rica é **habitada principalmente por povos europeus, com pouquíssima mistura com índios ou outro sangue**.⁶¹ (grifo meu)

Segundo o viajante, os “brancos puros” (sic) descendentes de espanhóis, eram maioria esmagadora no país, o que inusitadamente permitira à Costa Rica “escapar das desvantagens” advindas da “mistura de raças que trouxe tantos problemas para países como o México, Peru, Cuba e outras”.⁶² A pequena minoria de negros, em geral caribenhos “importados”, estaria restrita às plantações de banana da costa, nas quais os trabalhadores nativos supostamente não suportavam trabalhar *devido ao clima quente* das baixas altitudes. A sutil clivagem racial, que Ybarra introduzira na discussão sobre o caráter latino, agora

61C.f. *When people here seek to explain the remarkable difference between their country and the rest of Central America they attach special importance to the fact that Costa Rica is inhabited overwhelmingly by European peoples with scarcely any admixture of Indian or other blood.* (YBARRA,T.“Costa Rica boasts liberal tradition”. In:NYT, NY. 12/02/1939, p37)

62YBARRA,T.“Costa Rica boasts liberal tradition”. In:NYT, NY. 12/02/1939, p37

A viagem de Thomas Russel Ybarra (1938-1939): New York Times e a política da boa-vizinhança

ressurge fornecendo explicações racialistas não só para a inexistência de conflitos na Costa Rica, como também para a maioria dos conflitos que assolavam a América Latina.

A outra nota específica que distanciava a Costa Rica da América Central, enfim, seria seu particular quadro social, composto de uma maioria de pequenos proprietários, o que impedia que a oposição entre a “servidão de nativos” e a “casta de famílias privilegiadas” desembocasse, como nas demais centro-americanas, em revoluções sucessivas e caos. Aqui, a crítica social de Ybarra imprimia aos demais centro-americanos um atraso e uma desordem atávicas, cujo efeito – situando os *outros* em lugar estático – era o de *reforçar* a confortável superioridade posicional dos EUA.⁶³

De qualquer forma, a própria Costa Rica era, ela também, estática e inferior: “Entra ano, sai ano. A Costa Rica vende café e bananas, embolsa todos os lucros que ela consegue e se preocupa com suas questões”; ela tinha um “genuíno desejo de gostar dos estrangeiros” e resguardava poucos preconceitos. Afinal, ela também simplesmente *era* algo.

3.2.2. Costa Rica, Guatemala, El Salvador, Honduras e Nicarágua: o terreno americano

As análises do viajante a respeito das demais repúblicas da América Central eram muito semelhantes, e enfocavam as mesmas duas questões que culminaram na análise triunfal produzida em Manágua: por um lado, a ostensiva presença nazista; por outro, a segura e inigualável supremacia comercial dos Estados Unidos.

Em relação à influência totalitária, apenas na Costa Rica ela assumia colorações distintas, dada sua *proximidade* do Canal do Panamá. Por esse motivo, a preocupação com a penetração totalitária abriu espaço para declarações mais alarmistas – e dificilmente críveis –, tais como a de que 100% dos colonos germânicos da região colaboravam com os nazistas.⁶⁴

63A prática discursiva de fixar características supostamente atávicas aos povos e subtrair aos *Outros* subalternos sua historicidade e capacidade de transformação é frequente. C.f: Said (2005 e 2007)

64“Japan, Reich make gains in Costa Rica”. In: *NYT*, NY. 13/02/1939, p.4.

Além disso, Ybarra mostrava-se preocupado com uma possível base aérea japonesa camuflada de plantação de algodão, situada em Puntarenas a somente 250 milhas do Canal, e com a constatação de que a Alemanha estaria comprando massivas safras de café e *plantations* costa-riquenhas. Ademais, para o conjunto de todas as outras repúblicas – Guatemala, El Salvador, Honduras e Nicarágua – o *modus operandi* nazista seria o mesmo e evidenciaria seu real objetivo: além da simples influência econômica, a infiltração política.⁶⁵

Entretanto, a percepção igualmente obtida por Ybarra, no breve percurso nas citadas repúblicas, era a de que a agressiva infiltração “ainda que amplamente espalhada e ativa, não é em nenhum lugar, por enquanto, uma ameaça à influência dominante dos Estados Unidos”.⁶⁶ Isso porque nesses lugares, para ele, “o comércio fala mais alto”, e os Estados Unidos eram seguramente a presença econômica mais formidável. As imagens a respeito disso eram repetitivas e atravessadas de entusiasmo: os EUA eram os “líderes compradores de mercadorias guatemaltecas, e os principais provedores das necessidades guatemaltecas”⁶⁷; “Os Estados Unidos vendem para El Salvador mais do que qualquer nação, e se avolumam tão grandes no horizonte nacional que inteligentes salvadorenhos [...] sem hesitar admitem que sem nós El Salvador não poderia existir”⁶⁸, ou ainda que “A batalha contra a *sigatoka* [praga das plantações de banana] é de nosso especial interesse porque nós dominamos o comércio exterior de Honduras”.⁶⁹ É perceptível aqui que o viajante, sem volteios, constatava uma verdadeira dominação econômica norte-americana na América

65YBARRA,T.“U.S. prestige high with guatemalans”. In:*NYT*, NY. 19/02/1939, p.28.; YBARRA,T. “Nazis influential in El Salvador” In:*NYT*, NY. 21/02/1939, p.4.; YBARRA,T. “Honduras warring on banana blight”. In:*NYT*, NY. 26/02/1939,p.31.; YBARRA,T. “Central America inert to fascists”. In: *NYT*, NY, 27/02/1939, p.8.

66YBARRA,T. “Central America inert to fascists”. In: *NYT*, NY, 27/02/1939, p.8.

67YBARRA,T.“U.S. prestige high with guatemalans”. In:*NYT*, NY. 19/02/1939, p.28

68YBARRA,T. “Nazis influential in El Salvador” In:*NYT*, NY. 21/02/1939, p.4.

69YBARRA,T. “Honduras warring on banana blight”. In:*NYT*, NY. 26/02/1939,p.31.

A viagem de Thomas Russel Ybarra (1938-1939): New York Times e a política da boavizinhança

Central. Notavelmente, a constatação seguia sendo acompanhada de ironias em relação ao “Imperialismo Yankee”.⁷⁰

Ademais, talvez o mais interessante aspecto a se observar a respeito de sua passagem por essas repúblicas seja o próprio itinerário que escolheu. Ybarra, saindo da Costa Rica no extremo sul, pula as demais repúblicas até a Guatemala, para então descer e concluir a breve visita ao continente na Nicarágua. Em relação a isso, emergem dois elementos particularmente ilustrativos. O primeiro dele é aquele que provavelmente explica o trajeto.

Ybarra quis percorrer o único trecho concluído e asfaltado da Pan-American Highway, aquele que conecta Guatemala e El Salvador. Chegando em San Salvador escreveu um artigo relatando sua travessia.⁷¹ Em seu caminho em meio às montanhas, emergia uma América Central “muito mais real e intocada” do que a que seria conhecida pelos turistas nos circuitos tradicionais. Não obstante, visualizava um futuro totalmente moderno para a estrada, que, por ora, seria praticamente “intocada e primitiva”. Ybarra relatou detida e ironicamente – em um misto de desprezo pela falta de higiene e hábitos primevos dos locais e curiosidade pelo exótico – suas estranhas experiências gastronômicas em um restaurante indígena, seus encontros com policiais rodoviários autoritários, os rangentes carros de boi atravessando a estrada e as “cabanas indígenas com tetos de palha caindo aos pedaços”. Aqui, a retórica da anti-conquista desaparecia para dar lugar à ironia explícita ao “atraso”.

Ao final do artigo, enfim, elogiando a qualidade da rodovia percorrida, pontuou entusiasmado: “Virtualmente todo o asfalto usado pelos bandos de construtores de estrada de El Salvador, assim como a maioria da maquinaria de construir estrada, foi comprada dos americanos”. Há um efeito simbólico em percorrer este trecho – primeira centelha, construída

70YBARRA,T.“Costa Rica boasts liberal tradition”. In:*NYT*, NY. 12/02/1939, p37

71YBARRA,T.“American highway open in 2 nations”. In:*NYT*, NY. 23/02/1939, p.14.

com tecnologia norte-americana, da estrada idealizada para conectar o conjunto das Américas.

O segundo elemento de seu trajeto a produzir efeitos particularmente notáveis é o próprio fato de concluí-lo em Manágua, aquela em que, presumivelmente, a presença ostensiva dos *marines* norte-americanos teria deixado marcas de ojeriza entre os locais. O quadro apresentado por Ybarra, entretanto, não poderia ser mais diferente: os nicaraguenses guardavam, segundo ele, *boas memórias da ocupação norte-americana*, e mesmo entre os menos amigáveis aos EUA, a tendência geral era *deixar o passado para trás (let bigones be bigones)* e voltar os olhos para as novas relações do presente.⁷²

Seu último artigo da América Continental, dessa forma, simbolicamente coroava sua viagem com impressões triunfantes sobre a recepção latina aos norte-americanos: se *nem mesmo* na Nicarágua eles estavam em baixa, a *viagem do Império por suas margens* fora bem-sucedida. Afinal, Ybarra podia assegurar-se de que as portas realmente estariam abertas para os EUA na América Latina. Se diversos obstáculos podiam ser impostos, por parte dos “agressivos nazistas”, do “obsoleto Império inglês” ou da “ingênua Argentina”, ao benevolente anti-império do qual imaginava ser parte, o viajante podia estar certo, à luz da experiência nicaraguense, que o Hemisfério aceitaria, cedo ou tarde, a Boa-Vizinhança.

3.3.3. Cuba: enfim em casa.

A passagem de Ybarra por Cuba, ao final de sua viagem, não introduziu grandes novidades às conclusões obtidas no resto da América Central. Mais ainda do que em qualquer lugar, Cuba representaria para o viajante uma nação crescentemente “americanista”, de tal forma que os norte-americanos se sentiriam muito pouco estrangeiros nesse país, ademais de sua natureza latina e hispânica: “Em nenhum lugar na América Latina esses dois Polos Norte e Sul de caráter, mentalidade e visão de vida, os Norte Americanos e

72YBARRA,T. “Central America inert to fascists”. In: *NYT*, NY, 27/02/1939, p.8.

A viagem de Thomas Russel Ybarra (1938-1939): New York Times e a política da boa-vizinhança

os Sul Americanos, se tornam tão próximos um do outro quanto nessa ilha”.⁷³ Outro tema, talvez mais ilustrativo em seus artigos sobre Cuba, era o do mercado açucareiro. Em seu primeiro artigo no país, Ybarra discutiu a crise econômica cubana advinda da queda do preço do açúcar. Afirmou que: “Cuba é um país de uma planta e um mercado [...] açúcar e Tio Sam – essas são as fundações gêmeas de toda a estrutura econômica de Cuba”.⁷⁴ Diante disso, afirmou que os cubanos pediam aos EUA que resolvessem seu problema derrubando o protecionismo ao açúcar de outros lugares sob sua tutela. Argumentou, entretanto: “fazer algo pelas firmas cubanas de açúcar não é uma coisa fácil para o Tio Sam. Ele tem que considerar também os competidores dos cubanos, o açúcar de cana e beterraba produzido pelos estados continentais dos Estados Unidos, os plantadores de cana de Porto Rico, Hawaii e Filipinas, e também atender seus pedidos”.⁷⁵

O mais notável dessas passagens talvez seja a naturalidade com que Ybarra registrou a supremacia norte-americana na ilha e em outros territórios, apesar da repetida oposição que tecera aos imperialismos totalitário e britânico ao longo de toda sua viagem. A imagem, tantas vezes repetida, traz elementos que nos remetem à hipótese inicial deste trabalho.

4. Conclusão

É com naturalidade, portanto, que Ybarra constatou a profunda dependência cubana da compra de açúcar pelos Estados Unidos, e com igual naturalidade registrou a dominação sobre as colônias norte-americanas de Porto Rico, Hawaii e Filipinas. Mais do que isso, desde as margens do Império, a constatação da dominação econômica norte-americana e da possibilidade de influenciar decisões políticas que dela decorria são *celebradas* – não apenas no caso cubano, como foi visto, mas na totalidade das Américas – como garantias do não-distanciamento das margens em relação ao seu centro.

73YBARRA,T. “Influence of U.S. strongest in Cuba”. In: *NYT*, NY, 07/03/1939, p.10.

74YBARRA,T.“Cuban concerned over sugar prices”. In: *NYT*, NY, 05/03/1939, p.32.

75YBARRA,T.“Cuban concerned over sugar prices”. In: *NYT*, NY, 05/03/1939, p.32.

Num contexto em que, no jogo de espelhos que moldava o Império, a Alemanha era situada – acompanhada da decadente Inglaterra e das mais fracas Itália e Japão – num polo oposto aos EUA, Ybarra foi bem sucedido na imaginação de um Tio Sam benevolente pela aproximação da América Latina, vista como subalterna e dependente. Mais do que isso, a intensificação da presença econômica norte-americana na totalidade do continente era defendida pelo viajante, direta ou indiretamente, *justamente* como o melhor instrumento para combater os impérios de além-mar e o próprio imperialismo – algo que, para ele, se algum dia existira na história norte-americana, situara-se em um passado longínquo que deveria ser esquecido, dando lugar à nova era de compreensão e auxílio que a Boa-Vizinhança tornara possível.

Os EUA seriam, nessa perspectiva, não apenas não-imperiais, mas efetivamente os únicos capazes de liderar o mundo livre e democrático em sua contenda contra o Totalitarismo. As descobertas de Ybarra introduziam um quadro positivo: cedo ou tarde, aparentemente, a Boa-Vizinhança seria vitoriosa. Entretanto, um longo caminho a percorrer também parecia ter sido descoberto pela viagem. Cabia à *the great Republic of the North*, com apoio passivo dos latinos, dobrar todos os obstáculos, europeus ou americanos, já experimentados pelo viajante, em pequena escala, ao longo de seu percurso: as resistências ingênuas apresentadas por *alguns* impulsivos e amargurados latinos, principalmente os argentinos, a agressividade e eficiência germânicas disseminadas por todo o continente e o esquerdismo e instabilidade chilenos, por exemplo. Diante disso, caberia ao Tio Sam, mais uma vez, superar as *provações* que se-lhe-apresentavam, de forma a alcançar o lugar que lhe parecia de *dever* naquele sombrio contexto às portas da guerra.

A hegemonia mundial norte-americana – do republicanismo e da cooperação, metonimicamente enunciadas pela Boa-Vizinhança desde as Américas – já era vislumbrada por Ybarra, na medida em que viajava pelas margens do Império e se reencontrava com o sentido de *seu* país, contraposto, sobretudo, ao Totalitarismo, mas delimitado a todo

A viagem de Thomas Russel Ybarra (1938-1939): New York Times e a política da boa-vizinhança

momento em relação a seus vizinhos ao sul. Afinal, resta claro que o venezuelano optara por *Plymouth*.

5. Documentos

Edições do *The New York Times* dos anos 1938 e 1939. Disponível mediante assinatura na plataforma online *Times Machine*.

Bibliografia

BERGER, Meyer. *The Story of The New York Times: The First 100 Years*. New York: Arno Press. 1970. 2ªed.

BURBAGE, Robert, CAZEMANJOU, Jean e KASPI, André. *Os meios de comunicação nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1972.

GARCIA, Tania da Costa. *O it verde e amarelo de Carmen Miranda (1930-1945)*. São Paulo: Annablume, 2005.

GUILHERME, Alexandre. *Discurso Americano de cooperação no contexto da 2ª Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*. Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

JOSEPH, Gilbert. *Close encounters*. Toward a new cultural history of U.S.-Latin American Relations. In: *Close Encounters of Empire*. London: Duke University Press, 1998.

JUNQUEIRA, Mary Anne . *Ao Sul do Rio Grande*. Imaginando a América Latina em Seleções. Oeste, Wilderness e Fronteira (1942-1970). Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2000.

_____. *Velas ao mar*. São Paulo: Intermeios, 2016.

KAPLAN, Amy. *Left alone with America*. The absence of empire in the study of American Culture. In: *Cutures of United States Imperialism*. London: Duke University Press, 1993.

LIMA, Luciana. *O Rio de Janeiro dos viajantes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MONTEIRO, Erica G. Daniel. *Quando a Guerra é um negócio*. F.D. Roosevelt, Iniciativa Privada e relações interamericanas durante a II Guerra Mundial. Curitiba: Prismas, 2014.

MOURA, Gerson. *Estados Unidos e América Latina*. As relações políticas no século XX. São Paulo: Contexto, 1991 (2ªed).

_____. *Tio Sam chega ao Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985 (2ªed).

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 2ªed.

_____. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 1ªed.

SARAIVA, João Gilberto. *Todo nordeste que couber a gente publica*. Tese de Mestrado. UFF, Rio de Janeiro, 2015.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império*. Relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999.

SANHUEZA CERDA, Carlos. *Chilenos em Alemanha y alemanes em Chile*. Viaje y nación em el siglo XIX. Santiago: LOM, 2006.

SOUZA, Maquilândes Borges. *Rádio e Propaganda Política*. Brasil e México sob a mira dos EUA. São Paulo: Annablume, 2004.